

NECROPOLÍTICA E O GOVERNO JAIR BOLSONORO: BREVES NOTAS SOBRE SUAS DECLARAÇÕES

Carlos Alberto Amorim de Sousa Andrade¹
José de Jesus Sousa Brito²

Resumo:

Este artigo retrata de forma pontual as relações do biopoder, da necropolítica, do necrodiscursos e das necropráticas do Governo Jair Bolsonaro durante a pandemia do Covid-19. Os esforços produzidos discutiu com os principais autores das temáticas de biopoder e necropolítica, Michel Foucault e Achille Mbembe além de outros autores. Por fim foi analisado as declarações, discursos e falas do presidente Jair Bolsonaro durante a pandemia do Covid-19, discursos esses que ratificam o projeto político e estruturante do atual Governo brasileiro, a necrose completa da nação.

Palavras-chave: Biopoder; Necropolítica; Necrodiscurso; Covid-19.

Abstrat:

This article punctually portrays the relationships of biopower, necropolitics, necrodiscourses and necropractices of the Government by Jair Bolsonaro during the Covid-19 pandemic. The efforts produced were discussed with the main authors of the themes of biopower and necropolitics, Michel Foucault and Achille Mbembe, in addition to other authors. Finally, the statements, speeches and speeches of President Jair Bolsonaro during the Covid-19 pandemic were analyzed, speeches that ratify the political and structuring project of the current Brazilian Government, the complete necrosis of thenation.

Keywords: Biopower; Necropolitics; Necrodiscourse; Covid-19.

“O salário do pecado é a morte.” (Romanos 6, 23)

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo estudar em linhas gerais o fenômeno da necropolítica, suas bases fundantes na política do Governo Jair Bolsonaro e

¹ Mestrando em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas pela Universidade Federal da Paraíba no Programa de Pós-graduação em Direito Humanos. Docente da Faculdade Estácio Teresina.

² Advogado com especialização em Direito. Professor da Faculdade Estácio Teresina.

analisar as declarações do presidente Jair Bolsonaro de 2018 a 2022 especialmente no cenário da pandemia do Covid-19 (março de 2020 a dezembro de 2021).

O contexto sociopolítico, econômico e cultural do Brasil expõe o avanço de pautas do ultraneoliberalismo, do neofascismo e neonazismo, cenários propícios para a construção hiperautoritária do presidente Jair Bolsonaro e de seus seguidores (DARDOT; LAVAL, 2016), o que incorpora mais crueldade em suas falas com a chegada da pandemia do Covid 19 no ano de 2020.

A análise e elaboração aqui apresentadas em notas e ensaios breves, estão em fase germinal, devido a efervescência do discurso e da necrose política. Os microcenários ganham velocidade e dinamicidade por conta da realidade, o que nos coloca em permanente estado de vigilância. Os discursos de morte e de violação simbólica dos Direitos Humanos, em específico proferidos pelo presidente, é material de estudo, e se espera do pesquisador a imparcialidade ao objeto e considerações que serão apontadas, mas também a crítica que a história em sua dinâmica presente nos exorta a assumir diante da defesa dos Direitos Humanos. Não foi uma tarefa fácil assumir essa escrita.

UM GOVERNO NECROSADO

As ciências sociais aplicadas têm como base metodológica e pedagógica a observância das forças da sociedade, os sistemas que a envolve e as engrenagens da vida política de um país. Um governo transitório em um regime democrático de direito tem como missão a promoção integral da Constituição local e do fortalecimento dos poderes políticos e soberanos da nação.

O Estado ao ser criado tem uma finalidade, e esse sistema formado por outros tantos microssistemas e microtecidos em um Governo dão a sustentação devida à emancipação do povo.

Conforme Achille Mbembe (2016), na necropolítica o Estado e os seus sistemas estão necrosados. A junção das palavras necro e política é um empréstimo das ciências da saúde para tentar explicar o atual cenário no Brasil e também no mundo.

Necro é um elemento de composição segundo o Dicionário Aurélio, exprime

a noção de morte ou cadáver. Santos (2022) diz que necrose indica morte celular ou de tecidos no organismo. Sabe-se que o processo de necrose envolve também o processo inflamatório no local. Várias são as causas de necrose, entre elas, diminuição do aporte de sangue ou falta de oxigenação com a presença de toxinas e enzimas que levam à mortecelular.

Com essas pontuações da área das ciências da saúde vemos nitidamente a decomposição de células e sistemas das estruturas da sociedade. Microsistemas e microcélulas em necropsia, elementos entranhados no discurso e na prática do presidente Jair Bolsonaro.

A política de morte é uma oposição governamental, opção está nunca mais vista e experimentada no Brasil desde o fim do regime militar (1964-1985) o que retorna ironicamente e propositalmente em 2018 com a eleição do então capitão do Exército brasileiro Jair Messias Bolsonaro. Seu Governo para nós é o do espetáculo da morte e seu estandarte e identidade visual as caveiras das mais de 600 mil pessoas mortas pela Covid-19.

Para Mbembe (2016) a opção é livre, é consciente, é uma política oficial do Estado e do Governo, a soberania

é a expressão máxima, do poder e da capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Exercitar a soberania é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder. (MBEMBE, 2016, p. 123).

Essa máxima está totalmente ligada ao período absolutista antes dos gregos inventarem a política onde o pai, provedor familiar decidiria entre a vida e a morte de todos os membros da família, que com o processo histórico a figura é avocada para o imperador em relação aos seus súditos numa construção hiperautoritária, o que vemos nitidamente no atual governo, o que nos recorda Adorno que o processo de formação do Bolsonarismo “é imaginária de uma figura paterna onipotente e violenta, altamente capaz de transcender o pai real e, com isso, crescer até se tornar um ego coletivo” (ADORNO, 2006, p. 172). O mito.

A POLÍTICA DA VIOLÊNCIA E DA MORTE

O gatilho da construção da política pública de Jair Bolsonaro é a violência, em todas as suas formas, características e (des)configuração. Corpos e mentes violentados, é chegado o tempo oportuno de ratificar, selar o pacto, a necropsia do cadáver da democracia, dos direitos humanos, da cidadania, da paz e da justiça social.

Conforme Castilho e Lemos (2021) destaca que a opção pela violência e morte neste governo é incorporada aos processos institucionais, numa espécie de industrialização da morte. Exemplifica nitidamente em seus estudos o que estamos presenciando no contexto da pandemia, a burocratização para acesso ao auxílio emergencial. Para Castilho e Lemos um exemplo explícito de como estes mecanismos institucionais acabam contribuindo para aumentar cada vez mais os índices de desigualdade social no País por meio de uma política de morte, arquitetada nos porões do Planalto.

Sai do discurso e vai para a prática institucional, para a construção da política pública. Não é mero descuido, despreensão, é opção, cruel e diabólica. É missão do atual Governo, para Castilho e Lemos (2021) é *necropráticas* reiteradas, ratificadas, construídas para por fim a pessoa humana.

Mbembe (2016) ajuda-nos em seu artigo *Necropolítica* que a política de morte está abraçada ao biopoder, aos processos de soberania e ao estado de exceção para que assim o necropoder/política possa se firmar. O biopoder como eixo dinâmico dos microcenários e das relações de poder de Foucault, pontuando as microrelações de poder, os processos de soberania atrelados ao tom exaustivo de um falso nacionalismo (exacerbado) e vinculado ao hiperautoritarismo que desemboca no estado de exceção e por fim o pensamento central da política atual – a necrose.

Esta é uma questão importante uma vez que o estado de exceção foi a figura jurídica de que se serviram o governo nazista e os militares brasileiros para estabelecer uma forma de legalidade institucional a seus regimes de governo. O que define a exceção jurídica é a retirada do direito, de forma total ou parcial, da vida

humana. Ao suspender o direito, a vida fica exposta como mera vida natural. É uma vida nua, desprotegida, fragilizada e exposta ao princípio da arbitrariedade da vontade soberana (MBEMBE, 2016).

Para Mbembe (2016) a exceção opera sob três aspectos: o primeiro a suspensão do direito sobre a vida humana das pessoas por ela afetadas; o segundo que a vida humana fica reduzida a mera vida natural; terceiro, no lugar do direito se coloca a vontade soberana.

O que nas sociedades de controle e do panopticon³ “o olho que tudo vê”, na sociedade contemporânea há sofisticação em seus tecidos sociopolítico, econômicos e culturais. O controle na atualidade é implementado por outros elementos e outras relações sofisticadas de poder. A sociedade do espetáculo de Guy Debord⁴ não é só mais uma sociedade atrelada ao consumo e a imagética, mas a espetacularização da morte, patrocinada pelo ultraneoliberalismo. A moeda e mercadoria são os cadáveres dos pobres, exclusivamente. Assim, Marx bem ilustra que a riqueza das sociedades nas quais domina o modo de produção capitalista aparece como uma imensa coleção de mercadorias, a mercadoria individual como sua forma elementar”. (Karl Marx) O corpo do pobre a perfeita e a sua morte o selo de todo espetáculo.

“Toda a vida da sociedade nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação”. (Guy Debord) No biopoder a representação eimagética como bandeira e estandarte é a caveira.

A PANDEMIA DO COVID 19 E OS NECRODISCURSOS DE JAIR BOLSONARO

E num desprezo pela vida inolvidável,
Que nem quando lotavam UTIs

³ O Panopticon era um edifício em forma de anel, no meio do qual havia um pátio com uma torre no centro. O anel se dividia em pequenas celas que davam tanto para o interior quanto para o exterior. Em cada uma dessas pequenas celas, havia segundo o objetivo da instituição, uma criança aprendendo a escrever, um operário trabalhando, um prisioneiro se corrigindo, um louco atualizando sua loucura, etc. Na torre central havia um vigilante. Como cada cela dava ao mesmo tempo para o interior e para o exterior, o olhar do vigilante podia atravessar toda a cela.” (Foucault, 1996, p.87);

⁴ Guy Debord (1931-1994) autor do livro “A Sociedade do Espetáculo”, foi um escritor francês, teórico marxista, filósofo, cineasta e fundador da “Internacional Situacionista” –grupo de intelectuais críticos da sociedade da época.

E o número de mortos era inumerável,
 Disse “E daí? Não sou coveiro”. “E daí?”
 Disse que mera “fantasia” era o vírus
 E “histeria” a reação à pandemia;
 Que brasileiro “pula e nada no esgoto,
 Não pega nada”, então também não pegaria
 O que chamou de “gripezinha” e receitou (sim!),
 Sim, cloroquina, e não vacina, pro país.

(HINO ao Inominável, 2022)

Em março de 2020 a Organização das Nações Unidas (OMS) classificou o surto de doença causado pelo novo coronavírus (COVID-19) como uma pandemia. O mundo vivia o que há mais de 100 anos não passava. A Gripe espanhola vivida em um contexto agrário, rural e analógico e o coronavírus em uma sociedade urbana, tecnológica e globalizada. Em poucos dias tudo mudou drasticamente.

Cidades sitiadas, isolamento das famílias em suas casas, crise sanitária, milhares de morte. Ciência correndo contra o tempo.

Em abril de 2021 o Senado Federal instalava a Comissão Parlamentar de Inquérito conhecida com CPI da Pandemia com a finalidade de apurar, no prazo de 90 dias, as ações e omissões do Governo Federal no enfrentamento da Pandemia da Covid-19 no Brasil e, em especial, no agravamento da crise sanitária no Amazonas com a ausência de oxigênio para os pacientes internados; e as possíveis irregularidades em contratos, fraudes em licitações, superfaturamentos, desvio de recursos públicos, assinatura de contratos com empresas de fachada para prestação de serviços genéricos ou fictícios, entre outros ilícitos, se valendo para isso de recursos originados da União Federal, bem como outras ações ou omissões cometidas por administradores públicos federais, estaduais e municipais, no trato com a coisa pública, durante a vigência da calamidade originada pela Pandemia do Coronavírus, limitado apenas quanto à fiscalização dos recursos da União repassados aos demais entes federados para as ações de prevenção e combate à Pandemia da Covid-19, e excluindo as matérias de competência constitucional atribuídas aos Estados, Distrito Federal e Municípios. (SENADO FEDERAL, 2021)

Na data que concluo esse artigo, registra-se no Brasil mais de 685 mil mortes por Covid 19, mais do que a população das capitais Aracaju, Cuiabá, Porto

Velho, Macapá, Florianópolis, Boa Vista, Rio Branco, Vitória e Palmas, populações estimadas (2010) entre 300 mil a 650 mil pessoas.

Caponi (2020) argumenta que três questões ajudam a compreender a gravidade da pandemia no Brasil: aspectos epistemológicos vinculados ao negacionismo científico que facilmente encontramos nos discursos oficiais e também nas *lives* semanais e conversas com apoiadores do Presidente Jair Bolsonaro no jardim do Planalto incentivando a automedicação e indicando uma lista de medicamentos não comprovados cientificamente para evitar a disseminação ou ser infectado pelo vírus. Por exemplo, prescrição em *lives* de remédios como a hidroxocloroquina e ivermectina. Outro discurso frente ao negacionismo e a falsa informação veiculado em outubro de 2021 quando o presidente em uma de suas *lives* diz que quem tem o esquema vacinal completo teria riscos de infecção pelo HIV, que causa AIDS.

O segundo aspecto que Caponi (2020) traz são as questões ético-políticas vinculadas aos direitos humanos; modos operandi de ataque deliberado e violência permanente as minorias e aos direitos humanos desde quando deputado federal. Entre os exemplos de discursos estão as falas defendendo a ditadura e o regime militar, que para o presidente se tratou de uma Revolução nos períodos de 1964 a 1985. Nesse aspecto caberia oportuno trabalho para correlacionar os discursos proferidos no período do regime militar com os discursos proferidos por Jair Bolsonaro em seus mais de 27 anos como Deputado Federal pelo Rio de Janeiro, o que em tela não é possível nesse ensaio problematizar pelos objetivos iniciais propostos, mas que lança ao leitor a sugestão de analisar os discursos e falas nesses períodos de exceção e hiperautoritarismo.

No cargo de presidente da República, Jair Bolsonaro reproduz não só a indiferença e a necrose de seus discursos relacionadas a pandemia, mas também falas racistas, desprezo as comunidades indígenas e quilombolas, xenofobia, principalmente aos estados do nordeste brasileiro e aos imigrantes. Além do preconceito e violência as populações LGBTIQA+ e as mulheres, permanente violência de gênero em suas declarações. Sem contar nas divulgações e promoções de falsas notícias – base fundante de sua campanha eleitoral de 2018 e de seu governo.

Por fim, o terceiro aspecto, as estratégias biopolíticas vinculadas à razão neoliberal (CAPONI 2020), principalmente durante a pandemia do Covid 19. Vejamos os discursos do presidente quando a pauta era pandemia e Covid 19.

No dia 10 de junho de 2021, enquanto conversava com apoiadores em frente ao Palácio da Alvorada, quando uma mulher o questionava sobre o número de brasileiros mortos pela pandemia de covid-19 mandou "cobrar do seu governador". Dias seguintes, pelo Twitter, diz: "lembro à Nação que, por decisão do STF, as ações de combate à pandemia ficaram sob total responsabilidade dos Governadores e dos Prefeitos". Bolsonaro fazia menção a quarentena e o fechamento dos comércios, responsabilizando a pandemia pela crise econômica.

Em 24 de março de 2020, quando o país já registrava mais de 10 mortes pelo vírus, em um pronunciamento veiculado na televisão, o presidente criticou o fechamento de escolas e comércios. Ele ainda comparou a contaminação por coronavírus a uma "gripezinha" ou "resfriadinho" e disse que, se ficasse doente, não sofreria.

"Pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria acometido, quando muito, de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico, daquela conhecida televisão", afirmou. No fato registrado o presidente se refere ao médico Drauzio Varella da Rede Globo de Televisão.

Inseridos nesse cenário devastador, sem dados oficiais do Governo Federal em relação a pandemia, as vésperas de eleições gerais para a presidência da república, o Brasil enfrenta sérios problemas em diversas áreas do atual do governo, porque não dizer em todas as áreas. O crescimento da fome, a inflação, a não valorização e o poder de compra do salário mínimo, a política armamentista, o aumento do desmatamento na Amazônia, o desmonte nas políticas culturais, a educação estagnada, o colapso da saúde pública, as milhares violações de direitos humanos.

Conforme Castilho e Lemos (2021) fica evidente que as forças necropolíticas agem sobre as vidas secularmente disponibilizadas à evasão do existir, sendo, no caso do Brasil, articuladas, sobretudo por discursos que operam pelo

agenciamento das práticas de morte sobre as populações subalternizadas.

Bolsonaro faz desse momento crítico pandêmico, seu espetáculo diário, macabro e sedutor. Inicia suas falas em Miami, Estado Unidos, no dia 09 de março de 2020: "Tem a questão do coronavírus também que, no meu entender, está superdimensionado, o poder destruidor desse vírus", disse o presidente. Poucos dias depois a ONU classifica o vírus com grau pandêmico.

No final de março de 2020, após um passeio que provocou aglomeração, o presidente disse: "Essa é uma realidade, o vírus tá aí. Vamos ter que enfrentá-lo, mas enfrentar como homem, porra. Não como um moleque. Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida. Tomos nós iremos morrer um dia."

No final de abril, o presidente foi perguntado por um repórter o que ele tinha a dizer sobre o recorde diário de mortes notificadas naquele dia. Ao que o presidente respondeu: "E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre", disse, em referência ao seu nome, Jair Messias Bolsonaro.

Logo em seguida lamenta as mortes ao perguntar primeiro se estava sendo gravado: "Lamento a situação que nós atravessamos com o vírus. Nos solidarizamos com as famílias que perderam seus entes queridos, que a grande parte eram pessoas idosas. Mas é a vida. Amanhã vou eu", disse ele. "Não precisa entrar em pânico." Nesta terça, ao confirmar que contraiu covid-19, o presidente afirmou que sente "mal-estar, cansaço, um pouco de dor muscular".

"Quanto a repouso, isso é particular meu. Eu não sei ficar parado. Vou ficar despachando por vídeo conferência", afirmou o presidente, que diz estar se sentindo "impaciente". "Eu estou impaciente, mas vou seguir os protocolos. O cuidado mais importante é com seus entes queridos, os mais idosos. Os outros também, mas não precisa entrar em pânico. A vida continua", afirmou.

No dia 20 de abril de 2020: "Ô, cara, quem fala de... Eu não sou coveiro, tá certo?", declarou o presidente. O repórter, então, tentou fazer novamente a pergunta. "Não sou coveiro, tá?", repetiu o presidente da República.

O ponto ápice da ignorância e repugnância foi quando em uma de suas *lives* imitou uma pessoa com falta de ar. Necroprática feita mais de uma vez.

Na obra *Arqueologia do saber* (2008) Foucault exprime as tecnologias do poder e os seus instrumentos, o discurso é a sustentação da relação da necropolítica com as forças da sociedade, por isso o caminho:

[...] consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutível à língua e ao ato de fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 2008, pp. 55)

Outro literário que nos ajuda a compreender esse discurso é Freud (1996) por meio de sua teoria narcisista.

O que Castilho e Lemos (2021) toma como base para a sua construção: o bolsonarismo, como expressão do super-homem, líder e salvador que, ao mesmo tempo em que, cultiva essa ideia, torna-se uma pessoa capaz de falar da forma e do conteúdo muito próximo da multidão. Isso produz, em alguma medida, a abdicção dos egos individuais de seu séquito em direção ao ego materializado pelo mito.

CONCLUSÃO

E quem dirá que não é mais imaginável
Erguer de novo das ruínas o país?
Mas quem dirá que não é mais imaginável
Erguer de novo das ruínas o país?

Parafraseando a canção-manifesto “HINO ao Inominável” com letra de Carlos Rennó e música de Chico Brown e Pedro Luís, a ilustração em arte subversiva marca o tempo e a história de termos vivenciado um governo desastroso, misógino, violento e perverso, o pior da história após o regime militar e da jovem democracia, que vive seu retorno de 37 anos. Um governo nefasto que de forma implícita e explicitamente viola os direitos humanos, é hiperautoritário e excessivo, necrosado moralmente, civilmente e politicamente.

O ensaio aqui feito teve como ponto central analisar e transcrever as falas do

atual presidente do Brasil na construção da sua política de governo, na construção dos microcenários e microrelações de poder que fundamentam os aspectos deliberados e orquestrados de Jair Bolsonaro. Na necropolítica o seu feitiche é a morte.

Referências

ADORNO, T. W. **A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista**. Revista Margem Esquerda: Ensaio Marxistas, n. 7, p. 164- 190, 2006.

CASTILHO, Daniela Ribeiro; LEMOS, Esther Luíza de Souza. **Necropolítica e governo Jair Bolsonaro: repercussões na seguridade social brasileira**. R. Katál., Florianópolis, v.24, n. 2, p. 269-279, maio/ago. 2021 ISSN 1982-025

CAPONI, S. **Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal**. Estudos Avançados, v. 34, n. 99, p. 209-223, 2020.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000. P. 483 – 486.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A Nova Razão do Mundo: Ensaio sobre a Sociedade Neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUNKER, C. **Sob o Governo dos homens-falo**. Le Monde diplomatique Brasil, São Paulo, 31 jul. 2019. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/sob-o-governo-dos-homens-falo/>. Acesso em: 07 de setembro de 2022.

ESTADÃO. (2020). **Manaus sofre com falta de caixões e corpos serão enterrados em sacos plásticos**. ESTADÃO. <https://noticias.uol.com.br/ultimasnoticias/agencia-estado/2020/04/28/manaus-quer-evitar-sepultamentos-em-sacos-plasticos.htm>

Estadão. link: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/bolsonaro-vacina-aids-hiv-exame/>. Acesso no dia 08 de setembro de 2022.

FREUD, S. **Sobre a Introdução do Conceito de Narcisismo**. In: Edição

Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 14.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Ed., 1996.

FOUCAULT, M. (2008). **Arqueologia do saber**. Forense Universitária. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves.

FOUCAULT, M. (1970). **A ordem do discurso**. Editora Loyola. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio.

G1. (2020). Bolsonaro pede volta ao trabalho, 'observadas as normas do Ministério da Saúde', e diz que medidas de isolamento são 'responsabilidade exclusiva' dos governadores. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/08/bolsonaro-pede-volta-ao-trabalho-observadas-as-normas-do-ministerio-dasaude-e-diz-que-medidas-de-isolamento-sao-responsabilidade-exclusiva-dos-governadores.ghtml>.

HINO ao Inominável. **Youtube**. 17 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OuQKqWlCF1U>. Acesso no dia 18 de setembro de 2022.

MBEMBE, A. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**". Revista Arte e Ensaios: Rio de Janeiro, n. 32, dez. 2016. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169?fbclid=IwAR2SAvwKICkMhUpLKAXp540_2BYPGYGhsEOvVA1NVdmgYcnbUt1Gv6fJt24. Acesso em: 05 jun. 2020.

MISSIATTO, Leandro Aparecido Fonseca. **Necrodiscursos: Discursos articulados pelas políticas da morte**. Research, Society and Development, v. 10, n. 8, e14810817302, 2021. (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i8.17302>

PINPOINT. https://journaliststudio.google.com/pinpoint/search?collection=06c9fc1d7e694554&docid=2f407ddb7c6f8bfa_06c9fc1d7e694554_0_0. Acesso no dia 06 de setembro de 2022.

RADIOAGÊNCIA NACIONAL. (2020). Em pronunciamento, Bolsonaro critica

governadores e fechamento de escolas.
<https://radioagencianacional.ebc.com.br/politica/audio/2020-03/em-pronunciamento-bolsonaro-critica-governadores-e-questiona-o-fechamento-de>.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. "**O que é necrose?**"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/biologia/o-que-e-necrose.htm>. Acesso em 07 de setembro de 2022.

SENADO FEDERAL. Comissão Parlamentar de Inquérito da COVID 19. Disponível: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?codcol=2441>. Acesso no dia 07 de setembro de 2022.

VALIM, R. **Estado de Exceção**: A Forma Jurídica do Neoliberalismo. São Paulo: Contracorrente, 2017.